

I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

EVIDÊNCIAS DE RACISMO EM ESCOLAS MUNICIPAIS CARIOCAS: uma pesquisa na Escola de Serviço Social/UFRJ

Sessão temática 01 – Questão social e questão étnico-racial

Bruna Weichert Costa da Silva Pires, (UFRJ)¹

brunaweichert.wp@gmail.com

Beatriz Sabino Estanqueiro, (UFRJ)²

beatrizestanqueiro@gmail.com

Camylla Neto Saldanha da Fonseca, (UFRJ)³

fonsecacamylla@gmail.com

Jorge Antônio Vieira Júnior (UFRJ)⁴

[contato.joestarjorge@gmail.com](mailto: contato.joestarjorge@gmail.com)

Lilian Angélica da Silva Souza, (UFRJ)⁵

l.souza@ess.ufrj.br

RESUMO: Este trabalho discute evidências do racismo nas escolas municipais do Rio de Janeiro, com base na pesquisa “Racismo e (des)educação da infância negra carioca”, da Escola de Serviço Social da UFRJ. A partir de pesquisa bibliográfica e documental, analisa a reprodução do racismo no ambiente escolar, concluindo que há ocultamento, negação e/ou naturalização de práticas racistas nas escolas.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Escola. Educação. Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta o resultado parcial de uma das etapas da pesquisa em andamento intitulada “Racismo e (des)educação da infância negra carioca”, da Rede de Estudos, Pesquisa, Extensão e Ensino em Serviço Social e Educação (REPENSSE), da Escola de Serviço Social (ESS), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que se dedica a investigar como o racismo impacta a educação de crianças negras periféricas matriculadas em escolas municipais do Rio de Janeiro. A metodologia adotada é de revisão bibliográfica de produções sobre o tema e pesquisa documental sobre ocorrências de situações de racismo em escolas municipais cariocas.

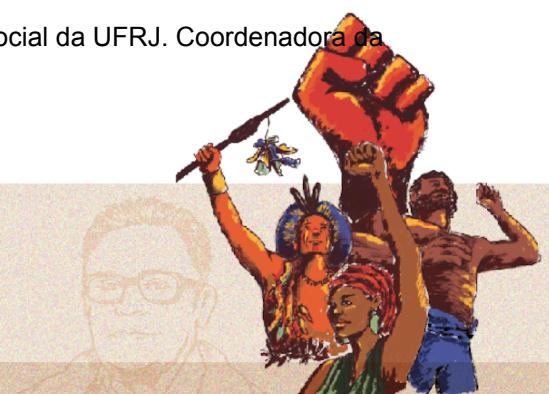
¹ Graduanda em Serviço Social, Bolsista de Iniciação Científica na pesquisa “Racismo e (des)educação da infância negra carioca”, na REPENSSE/UFRJ.

² Graduanda em Serviço Social, Extensionista da REPENSSE/UFRJ.

³ Mestre em Serviço Social, Pesquisadora da REPENSSE/UFRJ.

⁴ Graduando em Serviço Social, Extensionista da REPENSSE/UFRJ.

⁵ Professora da graduação e da pós-graduação da Escola de Serviço Social da UFRJ. Coordenadora da REPENSSE/UFRJ.



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

A pesquisa tem previsão de 36 meses, com o público-alvo estudantes da rede básica de ensino das Coordenadorias 11 Regionais de Educação (CRE), e foi submetida à Secretaria Municipal da Educação (SME) do Rio de Janeiro e ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

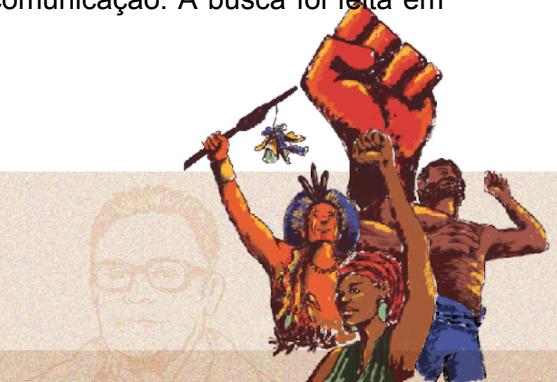
RESULTADOS

A primeira etapa da pesquisa, realizada no período de agosto de 2024 a março de 2025, consistiu no levantamento bibliográfico e documental que revelou que a escola, embora possa ser vista de maneira heterogênea, é uma instituição constituída historicamente pelo ideário social, por regras e comportamentos previamente estabelecidos. Caffagni (2024) afirma que o atual modelo escolar está moldado para atender aos interesses da burguesia, onde o “capital cultural”, ou o conhecimento – aqui como sinônimo de cultura – passado de forma geracional, é desvalorizado.

Nesse sentido, a educação institucionalizada alcança uma hierarquia sobre os demais modos de educar, principalmente quando pensamos em crianças negras e periféricas, filhas da classe trabalhadora. Luiz, Salvador e Cunha Júnior (1979) vão expressar isso quando dizem que o “ideal de branquicidade é intensivamente transmitido e reforçado em nossas crianças, através de todos os canais de educação” (p.70). Ao analisar a escola como instituição branca e de classe média, os autores mostram como o ensino, mediado por uma figura de autoridade — o professor —, reforça uma história hegemônica branca e eurocentrada, fazendo com que a escola seja “feita por brancos e para brancos” (p.71).

Ademais, a escola como um dos primeiros espaços de socialização dos sujeitos, influencia na formação de seus ideais e visões de mundo, podendo moldar atitudes, ações e pensamentos. É a partir disso que Moreira-Primo e França (2020), em diálogo com Eliane Cavallero, mostram que, enquanto instância de socialização secundária, a escola reproduz o racismo de forma direta e indireta, e “nesse processo, as crianças vão aprendendo sobre essas posições e possivelmente começam a internalizar quais os lugares que os grupos dos brancos e dos negros ocupam nesse espaço, que também reflete a sociedade fora dele” (p.26).

A pesquisa documental realizada sobre matérias jornalísticas sobre casos de racismo em escolas públicas municipais cariocas, no período mencionado, resultou em 15 reportagens em diferentes canais. No entanto, após uma revisão apurada, esse quantitativo reduziu para quatro, pois uma das notícias se repetia em pelo menos 11 meios de comunicação. A busca foi feita em



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

plataformas digitais, usando os termos “racismo”, “escola municipal”, “preconceito racial”, “racista”, “Rio de Janeiro”, e alcançou jornais como G1, O Globo, CNN Brasil, Agência Brasil, entre outros.

Do conteúdo das matérias, a mais noticiada abordava um caso que aconteceu em junho de 2024, onde uma menina de oito anos foi chamada de “preta do cabelo de palha” (G1, 2024) pela professora — que foi presa em flagrante. Outra reportagem, de abril de 2023, denuncia um caso de uma criança de sete anos, que foi xingada de “macaca preta” (G1, 2023) por outra criança, que segundo a reportagem também era negra.

A terceira, de dezembro de 2022, relata o caso de uma aluna de onze anos que sofreu ofensas raciais e ameaça de violência física, em um grupo no *WhatsApp* por demais estudantes e por uma mulher adulta. Contrariamente, a última reportagem, de março de 2017, tratou de um projeto que influenciou positivamente demais estudantes a aceitarem seus cabelos naturais, realizado por alunas após “comentários machistas e racistas de colegas do sexo masculino durante as aulas” (Agência Brasil, 2017).

A partir dessas violências verbais relacionadas ao cabelo natural de cada vítima, como uma das formas mais comuns de reprodução do racismo, vindo também de uma herança colonialista e que reforça o poder da branquitude (Eurico, 2022), surgem as perguntas problematizadoras: por que, em cerca de oito meses, apenas quatro matérias foram publicadas com denúncias de racismo em escolas municipais do Rio de Janeiro? Seria a evidência da inexistência ou a baixa ocorrência de casos de racismo nas escolas do município? Seria o ocultamento ou a falta de publicização desses casos?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese central levantada com base nesta etapa da pesquisa é a de que a baixa incidência de matérias jornalísticas que denunciem casos de racismo nas escolas municipais cariocas não se deve à escassez do fenômeno, mas sim à seletividade estrutural com que ele é tratado, tanto pelas instituições públicas quanto pelos meios de comunicação. Essa seletividade não é acidental ou neutra; ela opera como parte de uma engrenagem ideológica que silencia, apaga e normaliza violências racializadas cotidianas no interior das escolas. Tais processos de invisibilização estão intimamente ligados à persistência do mito da democracia racial — narrativa historicamente construída para negar a existência do racismo no Brasil e, com isso, desmobilizar políticas de reparação, reconhecimento e redistribuição (Freyre, 2003).



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

A mídia pode cumprir um papel fundamental na reprodução das ideologias dominantes. Por meio de discursos que aparentam neutralidade, pode contribuir com o senso comum, atuando como mecanismo central de manutenção da ordem social estabelecida. Ao optar por não noticiar casos de racismo – ou ao enquadrá-los de maneira genérica sob rótulos como “conflitos escolares” ou “casos de bullying” –, reproduzem e reforçam a falsa ideia de que o ambiente escolar é isento de desigualdades raciais. Assim, institucionaliza-se um silenciamento onde o não dito é naturalizado. Ou seja, a ausência de denúncia midiática expõe, paradoxalmente, um sistema que exclui e invisibiliza crianças negras, suas famílias e histórias.

É neste contexto que a ausência de dados sobre o racismo escolar é, por si só, um dado revelador: expressa a negação sistemática do problema e impede seu reconhecimento público, configurando uma forma de violência epistêmica que deslegitima o saber das populações negras. Essa invisibilidade compromete políticas públicas e o acesso a direitos fundamentais. O racismo no ambiente escolar, portanto, não é um desvio pontual, mas uma expressão estrutural das desigualdades raciais, vinculada ao legado colonial brasileiro, e nas práticas cotidianas de poder que atravessam os espaços escolares. Assim, sua naturalização, sem enfrentamento coletivo e estrutural, perpetua a exclusão simbólica e material de crianças negras, negando-lhes o acesso e a permanência nas instituições educacionais, com respeito à sua humanidade.

Considerando o exposto, é possível afirmar que a escola, enquanto espaço de socialização e instituição historicamente marcada por uma lógica excludente, cumpre um papel central na reprodução de desigualdades raciais. A análise bibliográfica e o levantamento documental revelam que o racismo está presente no cotidiano escolar, mas é invisibilizado pelas institucionais e pelos meios de comunicação. A escassez de denúncias formais e de cobertura midiática não reflete a inexistência dos casos, mas a persistência de uma cultura de silenciamento que perpetua o mito da democracia racial.

Portanto, espera-se que o projeto de pesquisa que deu corpo a esse trabalho contribua de maneira significativa para a compreensão do impacto do racismo nas escolas municipais do Rio de Janeiro, não apenas como um fenômeno isolado, mas como parte de uma estrutura social mais ampla que reforça desigualdades raciais. É imprescindível, então, que haja um comprometimento coletivo e institucional para romper com esse modelo excludente, uma vez que a escola é um reflexo das dinâmicas da realidade social e suas práticas racistas perpetuam desigualdades que afetam toda a comunidade.



I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

REFERÊNCIAS

CAFFAGNI, Carla Wanessa do Amaral. Qual a função social da escola? Reflexões de nuances sociais e políticas a respeito da instituição escolar. **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação**, v. 32, p. e0244250, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/CGxSk5mzHLNFYSFC7zrzWTn/>. Acesso: 16/04/2025.

CAPARELLI, Karol; ALVES, Luana. Mãe de menina xingada de 'macaca preta' na escola diz que não conseguiu dormir ao saber do fato: 'Só chorava'. **G1**, Rio de Janeiro, 29 abr. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/04/29/mae-de-menina-xingada-de-macaca-preta-na-escola-diz-que-nao-conseguiu-dormir-ao-saber-do-fato-so-chorava.ghtml>. Acesso: 28/04/2025.

EURICO, Márcia Campos. **Racismo na infância**. Cortez Editora, 2022.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. rev. São Paulo: Global, 2003. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1).

GRANDA, Alana. Estudantes do Rio combatem machismo e racismo com projeto transformador. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 01 mar. 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-02/estudantes-do-rio-combatem-machismo-na-escola-com-projeto-transformador>. Acesso: 28/04/2025.

LUIZ, Maria do Carmo; SALVADOR, Maria Nazaré; CUNHA JÚNIOR, Henrique. A criança (negra) e a educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 31, p. 69-72, 1979. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1666>. Acesso: 16/04/2025.

LYRA, Julio Cesar. Família de aluna denuncia injúria racial em escola pública do Rio: 'Cabelo de macaco'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 dez. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2022/12/familia-de-aluna-denuncia-injuria-racial-em-escola-publica-do-rio-cabelo-de-macaco.ghtml>. Acesso: 28/04/2025

MOREIRA-PRIMO, Ueliton Santos; FRANÇA, Dalila Xavier. Experiências de racismo em crianças: o que acontece no cotidiano escolar. **Revista Uniaebu**, v. 13, n. 33, p. 24-44, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342593800_EXPERIENCIAS_DE_RACISMO_EM_CRIANCAS_O_QUE_ACONTECE_NO_COTIDIANO_ESCOLAR. Acesso: 16/04/2025.

SANTO, Thaís Espírito. Professora é presa em flagrante após chamar menina de 8 anos de 'preta do cabelo duro' no Rio. **G1**, Rio de Janeiro, 08 jun 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/06/08/professora-e-presa-racismo-no-rio.ghtml>. Acesso: 28/04/2025.

